

Conhecimento dos acadêmicos da área da saúde sobre a prática da fitoterapia como alternativa terapêutica

Knowledge of health academics about the practice of phytotherapy as a therapeutic alternative

Vitória Luiza Amaral da Silva¹, Izadhora Cardoso de Almeida Couto¹, Helen Cristina Fávero Lisboa^{2*}

¹Acadêmica do Curso de Enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Rondonópolis – UFR; ²Farmacêutica Bioquímica pela UNESP, Mestre e Doutora em Biotecnologia pelo IQ/UNESP.

Resumo

Introdução: a fitoterapia contempla um saber que a décadas perpassa as famílias brasileiras no cuidado à saúde. Neste sentido, visando garantir uma terapêutica segura, observa-se a importância da formação/capacitação dos acadêmicos da área da saúde sobre a temática. **Objetivo:** analisar o conhecimento dos acadêmicos da área da saúde sobre a prática da fitoterapia como alternativa terapêutica. **Metodologia:** trata-se de uma pesquisa de caráter quantitativo com delineamento transversal, não experimental e a coleta de dados realizada utilizando-se um questionário contendo perguntas sobre a fitoterapia. **Resultados:** responderam ao questionário 310 acadêmicos dos cursos de Enfermagem, Medicina, Nutrição, Psicologia, Odontologia e Farmácia, dentre estes, a maioria do sexo feminino (84,8%), com idade entre 21 e 25 anos (48,7%), solteiros (72,6%) e com renda familiar entre 1 e 2 salários-mínimos (27,7%). Um total de 51,6% afirmou conhecer a diferença entre os termos fitoterápicos e plantas medicinais e não sabiam os riscos do uso inadequado, 80,3% afirmaram não saber fazer orientações sobre o uso correto, riscos e benefícios, 66,1% conhecem as formas de uso, 58,4% desconhecem a parte da planta a ser utilizada e 64,5% não sabem citar medicamentos proveniente das plantas. A maioria dos entrevistados (98%) considera importante que o profissional de saúde tenha conhecimento sobre essa prática, e demonstram interesse em aprender sobre o tema (78%). **Conclusão:** a partir dos dados apresentados, nota-se que existem deficiências na formação dos acadêmicos, e salienta-se a importância da inserção da disciplina sobre fitoterapia na grade curricular dos cursos da área da saúde. **Palavras-chave:** Estudantes; fitoterapia; plantas medicinais.

Abstract

Introduction: phytotherapy encompasses knowledge that has permeated Brazilian families in health care for decades. In this sense, aiming to guarantee safe therapy, the importance of training/qualifying health academics on the subject is observed. **Objective:** to analyze the knowledge of academics in the health field about phytotherapy as a therapeutic alternative. **Methodology:** this is quantitative research with a cross-sectional, non-experimental design and data collection using a questionnaire containing questions about phytotherapy. **Results:** 310 students from Nursing, Medicine, Nutrition, Psychology, Dentistry and Pharmacy courses responded to the questionnaire, of which the majority were female (84.8%), aged between 21 and 25 years old (48.7%), single (72.6%) and with a family income between 1 and 2 minimum wages (27.7%). A total of 51.6% said they knew the difference between the terms herbal medicine and medicinal plants and did not know the risks of inappropriate use, 80.3% said they did not know how to guide correct use, risks and benefits, 66.1% knew the forms of use, 58.4% are unaware of the part of the plant to be used, and 64.5% do not know how to name medicines originating from plants. Most respondents (98%) consider it important for healthcare professionals to know about this practice and show interest in learning about it (78%). **Conclusion:** from the data presented, it is noted that there are flaws in the training of academics, and the importance of including the subject of phytotherapy in the curriculum of courses in the health area is highlighted.

Keywords: Students; phytotherapy; medicinal plants.

INTRODUÇÃO

O uso das plantas medicinais na promoção da saúde e cura de patologias, é considerada uma prática popular, passada de geração em geração¹. Na atualidade, outros meios influenciam o conhecimento e utilização dos fitoterápicos, como por exemplo, as mídias sociais,

tornando-se a segunda principal fonte de informação dos usuários².

É importante lembrar que uma planta medicinal, é uma espécie vegetal usada para terapêutica em sua forma fresca, usada logo após sua coleta, enquanto fitoterápico conceitua-se como um produto adquirido a partir da planta medicinal, exceto substâncias isoladas, também com objetivo terapêutico ou profilático e que se apresentam em uma forma farmacêutica³. Já a fitoterapia é o termo usado para designar o estudo das plantas medicinais e suas aplicações na promoção,

Correspondente/Corresponding: *Helen Cristina Fávero Lisboa – End: Rua Ararauna, 198 – Condomínio Village do Cerrado B: Jd. Village do Cerrado – CEP: 78.731-618 – Rondonópolis/MT – Tel: (66) 9 9281-8012 – E-mail: helcrisiq@yahoo.com.br

prevenção e manutenção da saúde. É uma alternativa terapêutica caracterizada pelo uso de plantas medicinais ou dos medicamentos fitoterápicos⁴.

A adesão ao uso das plantas medicinais e fitoterápicos pela população como uma alternativa terapêutica, torna-se uma estratégia vantajosa aos usuários, quando se compara os custos em relação ao uso dos medicamentos alopáticos. No caso das plantas medicinais, estas são cultivadas em domicílio, o que facilita o acesso e se reduz as despesas com o tratamento⁵.

Sendo considerada uma terapia popular, que transcende gerações, a utilização de plantas medicinais, pode ser realizada de maneira equivocada, contribuindo para a utilização indiscriminada, associada a automedicação e ao uso concomitante com fármacos sintéticos, aumentando os riscos de interações medicamentosas e efeitos adversos nocivos à saúde. Outro fator a ser considerado, é que todas plantas possuem alguma toxicidade, uma vez que produzem metabólitos, que podem apresentar ação farmacológica ou tóxica, estando sua atividade benéfica ou maléfica, relacionada com a dosagem, a via de administração, forma de uso, interações com outras substâncias entre outros fatores⁶.

Neste cenário, a falta de conhecimento sobre a prática correta a se adotar, como a espécie a ser utilizada, posologia, parte da planta entre outras especificidades, evidencia a relevância da orientação do profissional de saúde habilitado e capacitado para a orientação correta dos usuários⁷.

Observa-se que apesar do estímulo para a prática, os profissionais de saúde não se sentem seguros para prescrever e orientar sobre o uso da fitoterapia, pois não tiveram contato com o tema durante sua formação, e, portanto, não conhecem os riscos e benefícios para uma prática adequada⁸. Neste sentido, verifica-se a necessidade de capacitações na área, para que a população possa ser assistida no uso da fitoterapia de forma correta e segura⁹⁻¹⁰.

Embora os incentivos sobre essa discussão existam desde 2006, com a criação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) e a criação da Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF), observa-se que os profissionais de saúde ainda possuem o conhecimento fragmentado sobre o tema, carecendo de educação continuada para que a terapia com plantas medicinais seja, de fato, efetiva. Recentemente o Ministério da saúde disponibilizou o Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira (FFF) e o Memento de Fitoterápico da Farmacopeia Brasileira (MFFB) contribuindo com a assistência na prescrição dessa prática pelos profissionais visando promover um atendimento integral à saúde, garantindo segurança, eficiência e qualidade¹¹⁻¹².

Estudos demonstram que a vulnerabilidade de conhecimentos sobre o tema entre os profissionais de saúde pode estar vinculada a deficiência na formação acadêmica dos estudantes da área da saúde em rela-

ção a fitoterapia, o que pode ocasionar, futuramente, incertezas do profissional para a prescrição e orientação². Observa-se, dessa forma, a existência de lacunas nos cursos das áreas da saúde a respeito da formação sobre o tema, corroborando com a falta de interesse e conhecimento sobre a terapêutica alternativa¹³.

Neste contexto, o objetivo deste estudo foi analisar o conhecimento dos acadêmicos da área da saúde sobre a prática da fitoterapia como alternativa terapêutica. Mediante tal problemática, justifica-se a necessidade desta pesquisa para apontar deficiências na formação acadêmica, com intuito de promover ações futuras de conscientização e capacitação dos discentes em relação ao uso adequado da fitoterapia como alternativa terapêutica, qualificando-os para a futura prática profissional.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de caráter quantitativo com delineamento transversal, não experimental, por meio da avaliação exploratória e descritiva. A coleta de dados ocorreu entre fevereiro 2021 a julho de 2022 por meio de um questionário semiestruturado contendo perguntas sobre a fitoterapia. Foi realizada de duas formas: através de formulário eletrônico (Google Forms enviado aos estudantes por e-mail ou Whatsapp e presencialmente, nas dependências das universidades, onde os discentes foram abordados pessoalmente em seu local de estudo, sendo a amostra selecionada de forma não probabilística, por conveniência conforme disponibilidade do estudante no local da pesquisa.

Considerando a pandemia por COVID-19, nos meses de fevereiro a julho de 2021, os dados foram coletados apenas por meio do questionário transcrito para Google Forms, e o link gerado foi enviado aos acadêmicos.

A população do estudo foi constituída por acadêmicos da área de saúde e a amostra composta por alunos dos cursos de Enfermagem, Medicina, Nutrição, Psicologia, Odontologia e Farmácia regularmente matriculados nos respectivos cursos de uma universidade privada e uma pública localizadas no município de Rondonópolis – MT. Foram incluídos alunos com idade igual ou superior a 18 anos e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, respeitando as condições éticas como pautado na Resolução (466/2012) e parecer 3.965.739 (CAAE: 27172519.7.0000.8088).

Foram excluídos os alunos que não estavam presentes no momento da pesquisa, pós-graduandos, ovinos, os formulários incompletos e os pesquisadores envolvidos no projeto.

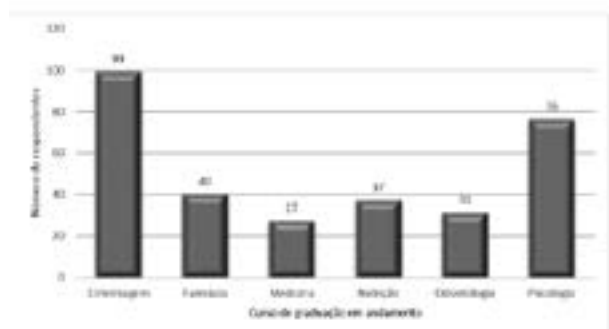
Os dados obtidos foram digitalizados em forma de banco de dados através do programa Microsoft Excel, sendo realizada uma análise descritiva, utilizando frequência relativa e absoluta. A análise de correlação “curso de graduação em andamento” e “interesse em aprender sobre o tema” foi realizada utilizando-se o

teste de qui-quadrado de Pearson, com nível de significância de $p < 0,05$ e nível de confiança de 95%, utilizando teste de regressão binomial e multinomial, no programa estatístico o JASP 0.14.1.0.

RESULTADOS

Participaram da pesquisa 310 estudantes de duas universidades de Rondonópolis (MT), sendo uma privada (70% da amostra) e uma pública (30% da amostra). Foram entrevistados estudantes dos cursos de Enfermagem, Farmácia, Medicina, Nutrição, Odontologia e Psicologia (Figura 1). Prevaleceu graduandos do sexo feminino (84,8%), com idade entre 21 a 25 anos (48,7%), solteiros (72,6%) e com renda familiar entre 1 e 2 salários mínimos (27,7%) (Tabela 1).

Figura 1 - Distribuição dos acadêmicos segundo o curso de graduação em andamento, Rondonópolis/MT, 2021- 2022.



Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 1 – Características sociodemográficas e econômicas dos acadêmicos da área de saúde, Rondonópolis-MT, 2021- 2022.

Variável	N	%
Sexo		
Masculino	47	15,2
Feminino	263	84,8
Faixa etária (anos)		
Entre 18 -20	70	22,6
Entre 21-25	151	48,7
Entre 26-30	29	9,4
Acima de 30	60	19,4
Renda Familiar (salário mínimo*)		
Até 1 salário	35	11,3
1-2 salários	86	27,7
2-3 salários	79	25,5
3-4 salários	36	11,6
4-5 salários	18	5,8
Acima de 5 salários	56	18,1

Estado Civil		
Solteiro	225	72,6
Casado	62	20,0
Divorciado	11	3,5
Outros	12	3,9
Tipo de Instituição		
Pública	93	30
Privada	217	70

Fonte: Dados da pesquisa *Salário mínimo vigente: R\$ 1.212

Afirmaram saber a diferença entre fitoterápico e plantas medicinais 51,6% (160) dos entrevistados, 66,1% (205) responderam conhecer as diferentes formas de uso e 58,4% (180) declaram não conhecer a parte da planta a ser utilizada com finalidade terapêutica. Desconhecem os riscos do uso indiscriminado 56,1% (173), não sabem fazer orientação aos pacientes quanto ao uso correto, riscos e benefícios da fitoterapia 80,3% (244) e afirmaram não saber citar medicamentos provenientes de plantas 64,5% (199) (Tabela 2).

Os resultados mostraram que existe diferença significativa entre os grupos em relação ao conhecimento sobre as formas de uso de uma planta medicinal ($p < 0,004$), assim como entre os que tem ou não conhecimento sobre os riscos do uso indiscriminado ($p < 0,035$). Houve ainda diferença estatística entre os estudantes que disseram saber fazer orientações quanto a prática da fitoterapia em relação aos que relataram não saber orientar ($p < 0,001$), o mesmo observado entre os grupos que sabem ou não citar algum medicamento proveniente de planta medicinal ($p < 0,001$) (Tabela 2).

Quando questionados sobre o hábito pessoal de usar plantas medicinais e/ou fitoterápicos, 51% respondeu afirmativamente, sendo os mais citados para uso pessoal o Boldo, Passiflora, Valeriana, Ginkgo-Biloba, Guaco, Melissa, Hortelã e Capim Cidreira. Foi ainda perguntado qual profissional deve ter o conhecimento sobre fitoterápicos e plantas medicinais, e 84% (260) dos entrevistados responderam que cabe ao farmacêutico o maior domínio sobre o tema, em seguida o médico (73%) e o enfermeiro (62%).

No presente estudo 98% (305) dos acadêmicos considera importante o conhecimento sobre plantas medicinais e fitoterápicos para o profissional da saúde, porém não possuem disciplinas sobre o tema na grade curricular de seu curso (82%), nem realizaram cursos na área durante a graduação (89%). Na análise bivariada observou-se associação entre as variáveis: curso de graduação em andamento e interesse em aprender sobre o tema (Tabela 3).

Tabela 2 - Distribuição dos acadêmicos de saúde quanto ao conhecimento sobre a prática da fitoterapia, Rondonópolis, 2021-2022.

Pergunta	Resposta	N	%	IC 95%*	p**
Sabe a diferença entre fitoterápico e planta medicinal?	Não	150	48,4	42,7 – 54,1	0,609
	Sim	160	51,6	45,9 – 57,3	
Sabe a diferença nas diferentes formas de uso de uma planta medicinal?	Não	105	33,9	28,6 – 39,4	<0,004
	Sim	205	66,1	60,6 – 71,4	
Sabe a parte da planta a ser utilizada?	Não	181	58,4	52,7 – 63,9	<0,004
	Sim	129	41,6	36,1 – 47,3	
Conhece os riscos do uso indiscriminado da fitoterapia e plantas medicinais	Não	174	56,1	50,4 – 61,7	0,035
	Sim	136	43,9	38,3 – 49,6	
Sabe fazer orientação aos pacientes sobre o uso correto, riscos e benefícios do uso de fitoterápicos e plantas medicinais?	Não	249	80,3	75,5 – 84,6	<0,001
	Sim	61	19,7	15,4 – 24,5	
Sabe citar algum medicamento proveniente de plantas medicinais (fitoterápico)?	Não	200	64,5	58,9 – 69,8	<0,001
	Sim	110	35,5	30,2 – 41,1	

Fonte: Dados da pesquisa

*IC 95%: intervalo de confiança a 95%

** Teste qui-quadrado de Pearson

Tabela 3 – Análise bivariada: graduação em andamento e interesse em aprender sobre plantas medicinais e fitoterápicos. Rondonópolis – MT, 2021-2022.

Graduação em andamento	Interesse em aprender sobre o tema					p-valor*
	Total N (%)	Muito N (%)	Pouco N (%)	Muito pouco N (%)	Não tem interesse N (%)	
Enfermagem	99(31,9)	78(78)	16(16,2)	5(5,1)	0	<0,001
Farmácia	40(12,9)	26(65)	11(27,5)	3(7,5)	0	
Medicina	27(8,8)	13(48,1)	14(51,9)	0	0	
Nutrição	37(11,9)	37(11,9)	8(21,6)	2(5,4)	0	
Odontologia	31(10,0)	11(35,5)	16(51,6)	4(12,9)	0	
Psicologia	76(24,5)	44(57,9)	25(32,9)	2(2,6)	5(6,6)	

Fonte: Elaborado pelos autores

* Teste do Qui-quadrado de Pearson

DISCUSSÃO

Nesta pesquisa o maior percentual dos participantes é do sexo feminino (84,8%), o que demonstra o caráter moderno da atual civilização em que a mulher está equiparada com o homem e ocupa posições de igualdade. Estudos mostram que apesar de se observar a ocorrência de mudanças no perfil dos acadêmicos de áreas da saúde, ainda é notório que as mulheres estão em maior número atreladas a profissões voltadas ao cuidado e a atenção a pessoa, uma atuação que norteia práticas e ações marcantes para o sexo feminino¹⁴. Ressalta-se ainda que com o avanço do acesso ao ensino, as mulheres nas universidades têm se tornado a maioria, um dado divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) que relatou que dentre os universitários no Brasil, um percentual de 55,5% é de mulheres pontuando a inserção feminina nas universidades¹⁵.

A variável idade revela que o maior percentual dos estudantes entrevistados possui idade entre 21 e 25 anos (48,7%), reafirmando o perfil dos estudantes universitários no país, corroborando com pesquisa nacional

que divulgou em 2018 o perfil socioeconômico e cultural dos graduandos das Instituições de Educação Superior (IES) apontando que a maioria dos universitários possui entre 20 e 29 anos (66,6%).¹⁴

Quanto à variável relacionada ao estado civil e renda familiar, este estudo encontrou resultados semelhantes ao descrito em outras pesquisas nacionais e internacionais que relatam predominância de estudantes solteiros com renda familiar entre 1 e 3 salários^{16,17}. Marcelino et al.¹⁸ (2021) em semelhante estudo com graduandos da área da saúde de Campina Grande/Pernambuco, verificou o predomínio de universitários solteiros (91,6%), resultado também em concordância com a pesquisa de Farias et al.¹⁹ (2017) realizada em Ji-Paraná/Rondônia, que apresentam um percentual de 85,97% de graduando com o mesmo estado civil.

Em relação ao conhecimento sobre a prática da fitoterapia, estudos realizados com estudantes de enfermagem de uma Instituição de Ensino Superior de Brasília (DF) e outro com estudantes de nutrição de uma universidade privada de Teresina (PI), demonstraram percentuais de 41,5% e 75,68% respectivamente, de estudantes

que afirmaram conhecer o conceito de fitoterapia^{20,21}, resultados comparáveis ao da presente pesquisa em que encontramos 51,6% dos estudantes de diferentes cursos da área da saúde que relataram saber a diferença entre fitoterápicos e plantas medicinais.

Para esta variável, ressalta-se a maior contribuição de respostas afirmativas entre os estudantes do curso de farmácia (85%), provavelmente em decorrência das características do curso, com disciplinas que trabalham com a análise de compostos químicos e farmacológicos das plantas para manipulação e produção de medicamentos. O segundo curso com mais afirmativas foi o de enfermagem (72%), o qual constituiu a maioria dos participantes deste estudo, sendo assim, sugere-se que em tal curso haja maior contato com a temática na Atenção Básica, um dos campos de práticas e estágios dos alunos desse curso.

Relacionado ao conhecimento dos riscos do uso indiscriminado da fitoterapia, nossos resultados apontaram que mais da metade dos estudantes (56,1%) não conhecem os riscos inerentes a essa terapêutica, indo de encontro ao descrito na literatura acerca do conhecimento de profissionais de saúde acerca do tema⁸. Ainda que a adesão à essa prática esteja aumentando ao longo dos anos, verifica-se que a grande parte dos profissionais da área da saúde, não tem formação adequada sobre as terapias alternativas¹⁸, e apresentam conhecimento insuficiente, que gera conceitos equivocados^{22,23}, podendo refletir nos riscos do uso indiscriminado, como as interações medicamentosas e os efeitos adversos. Ressalta-se que ao se ofertar nos cursos de ensino superior em saúde a vivência com esta e outras Práticas Integrativas e Complementares (PIC's), promove-se no estudante e futuro profissional, maior segurança para a prescrição e orientação sobre os riscos e benefícios. Dessa forma, é essencial que acadêmicos de áreas da saúde conheçam e valorizem a fitoterapia e demais práticas alternativas, minimizando os riscos de efeitos adversos e interações medicamentosas.

Na mesma perspectiva, se justifica o grande percentual de nossos entrevistados (80,3%) não saberem fazer as orientações ao paciente, corroborando com dados anteriores citados, que afirmam a falta de conhecimento do estudante e profissionais de saúde a respeito do uso das plantas medicinais e fitoterápicos. O mesmo perfil, observado por Barreto, Oliveira²⁴ (2022) em sua pesquisa com profissionais de saúde de Unidades Básicas de Saúde (UBS) em município do Recôncavo da Bahia, onde verificaram que a maioria dos entrevistados não possuíam o conhecimento sobre as políticas e programas de plantas medicinais e fitoterápicos, culminado no déficit de informações passadas à população sobre essa terapia, bem como possíveis falhas de orientação. Neste contexto, reafirma-se que a carência em relação ao conhecimento sobre essa prática pode acarretar riscos a população uma vez que os estudantes saem da academia sem a devida formação para orientação da população sobre o uso seguro.

Alves et al.²⁵ (2019), descrevem em sua pesquisa com 90 discentes de enfermagem em uma instituição privada em Montes Claros-MG, que, os acadêmicos souberam relatar as formas de uso, sendo as mais frequentes infusão (72%), xarope (11%) e gargarejos (11%). Observa-se que os métodos mais utilizados para essa terapêutica são os considerados mais simples e economicamente mais acessível, um resultado que se assemelha ao desta pesquisa, onde 66,1% dos participantes afirmaram conhecer as formas de uso da planta. Vale aqui lembrar, que compreender a estrutura da planta é de extrema importância, principalmente quando se faz uso das plantas medicinais, garantindo a segurança e eficácia, pois as substâncias podem divergir em relação a sua localização como caules, folhas e frutos podendo ser em alguns casos tóxicas ao organismo humano.

Em nosso estudo, 51% dos acadêmicos afirmou ter o hábito de usar plantas medicinais e/ou fitoterápicos, semelhante ao encontrado por Marcelino et al.¹⁸ (2021) com 68,7% dos graduandos entrevistados em sua pesquisa que afirmaram já ter usado alguma planta medicinal ou derivado. Também apontamos no presente estudo, um percentual de 64,5% que não souberam citar alguma planta ou fitoterápico, um resultado que vai ao encontro do estudo publicado por Marcelino et al.¹⁸ (2021), que encontrou apenas 31% dos graduandos de diferentes cursos que souberam relatar o nome de plantas para uso terapêutico, porém, um resultado divergente do publicado por Ávila et al.²⁶ (2020), realizado com 116 acadêmicos dos cursos de Enfermagem, Estética, Farmácia, Fisioterapia, Nutrição e Psicologia na cidade de Barra do Garças – Mato Grosso, na qual a maioria (90,50%) sabiam citar algum tipo de planta medicinal ou derivado.

Ressalta-se o expressivo percentual de acadêmicos que considera importante o conhecimento sobre plantas medicinais e fitoterápicos para o profissional da saúde (98%), porém não realizaram cursos na área durante a graduação (89%), nem possuem disciplinas sobre o tema na grade curricular (82%), semelhante ao encontrado por Araújo et al.²⁷ (2015), em estudos com acadêmicos de Enfermagem, Medicina e Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande, que mostrou que os cursos carecem de componentes curriculares que abordam esse tema.

Tais resultados demonstram que os graduandos dos cursos das ciências da saúde compreendem a relevância do conhecimento dos profissionais da área da saúde sobre a temática, porém não possuem formação que os capacitem. Feitosa et al.²⁸ (2016) em estudo realizado na cidade de Montes Carlos/Minas Gerais que avaliou o interesse dos estudantes em incluir o conteúdo em seu currículo acadêmico, encontrou um grande número de estudantes favoráveis, o que enfatiza a relevância de se incluir conteúdos sobre essa temática nos cursos de graduação em saúde. Neste contexto, sugere-se que os futuros profissionais da área de saúde tenham na grade curricular dos cursos de a graduação o ensino teórico/científico sobre o assunto, podendo assim estarem mais

aptos e preparados para aplicar com segurança a fitoterapia em sua prática profissional. Tais dados corroboram ainda com os estudos de Badke et al.²⁹ (2017), mostrando que o ensino ainda é focado no modelo biomédico, não considerando todos os fatores do processo saúde-doença do indivíduo, como os biológicos, sociais, psicológicos, comportamentais e ambientais, sendo o foco apenas na doença, de forma fragmentada e hospitalocêntrica.

A maior parte dos estudantes tem interesse em aprender sobre o tema, entretanto, é válido pontuar que no curso de Psicologia um percentual de 41,4 % afirmou ter pouco, muito pouco ou nenhum interesse pelo assunto, porém evidencia-se que este profissional não é um prescritor, sendo uma possível causa do não interesse. Todavia, o profissional de psicologia, munido de conhecimento sobre o tema, pode tornar-se orientador do usuário. Nesse sentido, Nascimento, Oliveira³⁰ (2016) apresentaram em seu artigo um estudo realizado com profissionais da saúde, que as PIC's possuem atrativos e potencialidades no que se refere as atividades grupais, e a relevância da participação do usuário dentre os grupos, como forma de apoio social, na melhoria da qualidade de vida e saúde que os grupos oferecem a população, constituindo-se esse espaço em uma oportunidade para troca de saberes e cooperação entre os participantes. Nessa perspectiva, a utilização das PIC's com uma abordagem grupal promove um sentimento de igualdade, utilidade social e valorização individual e grupal.

Observa-se que todos os entrevistados demonstraram vulnerabilidade acerca da temática, mesmo fazendo uso da fitoterapia como alternativa terapêutica. Embora existam legislações vigentes que regulamentem uso das plantas medicinais e fitoterápicos, a maioria dos profissionais a desconhecem, sendo de suma importância a promoção de discussões sobre temática na grade curricular dos cursos da área da saúde, entre o Ministério da Educação e as instituições de ensino superior, contribuindo assim para auxiliar e orientar os profissionais quanto ao uso desta prática como terapêutica no Sistema Único de Saúde (SUS)^{24,31}.

Por meio de portarias e decretos, o Ministério da saúde consolida os avanços na área da fitoterapia, estimulando e incentivando pesquisa na área e priorizando o tema na rede de pesquisas em Atenção Primária à Saúde³². Desse modo, torna-se fundamental os ensinamentos que forneçam o aprimoramento do profissional da saúde, tornando-os aptos a aderir a fitoterapia como prática integrativa e complementar. Nessa perspectiva, introduzir o conteúdo no currículo acadêmico das áreas da saúde poderá dar maior segurança ao profissional para que realize a prescrição/indicação e orientação aos usuários que optarem por escolher a fitoterapia como alternativa terapêutica²⁸. Em pesquisa realizada para avaliar o conhecimento de profissionais de saúde sobre o tema, confirmou-se a necessidade da qualificação desses profissionais sobre o assunto, com relatos de que possuem o interesse em adquirir o conhecimento ou se

aperfeiçoar sobre o tema fitoterapia, com o objetivo de aderir a prática de forma segura em sua área profissional¹⁸.

Pesquisa semelhante realizada com profissionais de saúde, ressalta lacunas na formação de profissionais prescritores, como médicos e enfermeiros, que possuem conhecimento insuficiente para implantar a fitoterapia, apesar de a considerarem uma prática valiosa como alternativa terapêutica³³, um fato que pode ter origem em falhas na formação acadêmica.

Os dados analisados no presente estudo possibilitaram identificar a fragilidade nos cursos das ciências da saúde em relação ao conhecimento sobre o uso da fitoterapia e plantas medicinais como alternativa terapêutica. Tal fato, contribui com baixa adesão dessa prática por parte dos futuros profissionais de saúde, por não estarem munidos de conhecimento suficiente e adequado sobre as diferentes formas de uso, a parte da planta a ser utilizada, assim como, os riscos do uso indiscriminado, sendo uma consequência da lacuna proveniente da graduação.

Neste contexto, é indispensável que as instituições de ensino superior realizem projetos que visem a qualificação dos acadêmicos na graduação, bem como, palestras educativas, com o objetivo de instruir e conscientizar sobre os benefícios e riscos do uso das plantas medicinais e fitoterápicos, suas ações e efeitos adversos, riscos da automedicação e importância da utilização correta da fitoterapia para o tratamento efetivo, favorecendo assim, uma assistência de melhor qualidade aos usuários de produtos naturais.

No trabalho apresentado considerou-se uma limitação. A amostragem ocorreu de forma aleatória por conveniência, participando da pesquisa alunos do primeiro ao último semestre do curso, sendo assim, os alunos recentemente ingressantes poderiam desconhecer a grade curricular que seria aplicada ao longo do curso, se presente ou não disciplinas na área de fitoterapia. Para reduzir os impactos dessa limitação os pesquisadores avaliaram junto à coordenação e/ou planos pedagógicos de cada curso a existência de disciplinas relacionadas ao tema, a fim de garantir a veracidade das respostas, mesmo sendo um acadêmico dos primeiros semestres do curso, o que reforça os dados apresentados.

CONCLUSÃO

A partir dos dados apresentados, nota-se a relevância que a discussão acerca das PIC's, em específico, das plantas medicinais e fitoterápicos que possibilitará uma assistência integral à população, visando a valorização da sua cultura, e a inserção do mesmo como autor da mudança em relação ao seu estado de saúde.

Desse modo, a inserção de disciplinas que abordem a fitoterapia na grade curricular dos cursos da área da saúde é muito promissora, levando em consideração a biodiversidade brasileira, o baixo custo, e a acessibilidade da fitoterapia pela população. O conhecimento científico adequado dos futuros profissionais auxiliará no

estabelecimento das diretrizes existentes no âmbito do SUS, possibilitando ao usuário informações apropriadas sobre as ações terapêuticas, assim como, seus riscos e benefícios.

REFERÊNCIAS

1. Badke MR, Cogo SB, Ilha AG, Heisler EV, Schimith MD, Sacramento HT. Panorama brasileiro dos serviços de plantas medicinais e fitoterápicos. *Rev Enferm UFSM*. 2019; 9:1-19. doi: <https://doi.org/10.5902/2179769233655>
2. Fonseca RC, Giotto AC. Utilização e conhecimentos de discentes sobre plantas medicinais e Fitoterápicos. *Rev Inic Cient e Ext*. 2021;4(1):613-23.
3. Brasil. Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA. RDC nº 26, de 13 de maio de 2014. Registro de Medicamentos Fitoterápicos e o registro e a notificação de Produtos Tradicionais Fitoterápicos [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2014. [citado 2023 abr 27]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sectics/daf/pnpmf/orientacao-ao-prescritor/Publicacoes/resolucao-rdc-no-26-de-13-de-maio-de-2014.pdf/view>
4. Ministério da Saúde (BR). Secretaria Executiva de Atenção à Saúde. Glossário temático Práticas Integrativas e Complementares em Saúde [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2018. [citado 2023 abr 27]. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/glossario_tematico_praticas_integrativas_complementares.pdf
5. Lima CA, Soares LL, Borges G, Costa JD, Costa SM. Utilização de plantas medicinais entre acadêmicos da área da saúde de universidade pública. *Rev Bras Plantas Med*. 2018;(20):423-8.
6. Pinheiro JADS, Alves DB, Passos XS, Maia YLM. Hepatotoxicidade de plantas medicinais e produtos herbais. *Rev Ref Saúde*. 2020 jan-jul;3(1):132-7.
7. Da Cunha LC, Deuschle VCKN, Deuschle RAN. Uso de plantas medicinais e fitoterápicos entre usuários de uma clínica universitária de fisioterapia do noroeste do Rio Grande do Sul. *Saúde (Sta. Maria)*. 2021;47(1). doi: <https://doi.org/10.5902/2236583448352>
8. Caboclo EKD, Sousa AR de, Santos JB, Castro LS, Bordin AO, Lisboa HCF. Fitoterápicos e plantas medicinais na prática dos profissionais de saúde em unidades de Estratégia Saúde da Família. *Rev Ciênc Méd Biol*. 2022; 21(2):211-7. doi: <https://doi.org/10.9771/cmbio.v21i2.4770>
9. Sampaio LA, Oliveira DR, Kerntopf MR, Brito Junior FE, Menezes IRA. Perception of the nurses from health family strategy about the use of phytotherapy. *REME: Rev Min Enferm*. 2013 Jan-Mar;17(1):76-84. doi: [10.5935/1415-2762.20130007](https://doi.org/10.5935/1415-2762.20130007)
10. Machado DC, Czermainski SBC, Lopes EC. Percepções de coordenadores de unidades de saúde sobre a fitoterapia e outras práticas integrativas e complementares. *Saúde Debate*. 2012 out-dez; 36(95):615-23.
11. Soares AAP, Silva ACR, Araújo-Neto JH, Cavalcante ALC, Melo OF, Siqueira RMP. Aceitação de fitoterápicos por prescritores da Atenção Primária à Saúde. *SANARE*. 2018 jul-dez; 17(2):40-8. doi: <https://doi.org/10.36925/sanare.v17i2.1260>
12. Brasil. Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA. Memento Fitoterápico da Farmacopeia Brasileira [Internet]. Brasília; 2016. [citado 2022 out 07]. Disponível em: http://www.farmacopia.gov.br/sites/farmacopia.saude.pe.gov.br/files/memento_fitoterapico.pdf
13. Camargos VF, Silva ALDVF, Ribeiro HSN, Rodrigues MCC. Conhecimento, acesso e aceitação das práticas integrativas em saúde por estudantes de medicina. *BJHR*. 2021 nov-dez; 4(6):26836-47. doi: <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n6-255>
14. Sousa JCT, Ávila LK, Cardoso LGS. Perfil sociodemográfico de discentes em instituição de ensino superior privada na área da saúde. *Arq Med Hosp Fac Cienc Med Santa Casa São Paulo*. 2020; 65:e2.
15. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Censo da Educação Superior [Internet] 2018: notas estatísticas. Brasília: INEP, 2019.
16. Oliveira-Silva KL, Ramos YJ, Oliveira G DO C, Fonseca IC, Gonçalves JA, Souza UC et al. Estratégia de ensino e avaliação do curso de extensão em cultivo de plantas medicinais do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. *VITTALLE – Reve Ciênc Saúde*. 30(1):168-81. doi: <https://doi.org/10.14295/vittalle.v30i1.7484>
17. Malau-Aduli BS, Adu MD, Alele F, Jones K, Drovandi A, Mylrea M, et al. Adjusting to university: Perceptions of first year health professions students. *PLoS One*. 2021 may; 16. doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0251634>
18. Marcelino ME, Silva MA da, Gomes VA, Queiroga RPF de, Mariz SR. Conhecimentos e práticas sobre fitoterapia entre graduandos da área da saúde: um estudo transversal. *Res Soc Dev*. 2021;10(9):1-11. doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i9.18013>
19. Farias ADM, Valiatti TB, Oliveira AAD, Salvi JDO. A Fitoterapia entre acadêmicos das ciências da vida. *Revista Saúde e Desenvolvimento*. 2017;11 (9):198213.
20. Moura ASC, Araújo LG de, Castelo AC da S, Carvalho LMF de. Conhecimento sobre plantas medicinais e fitoterápicos: um estudo com acadêmicos de nutrição. *Revista Interdisciplinar*. 2016; 9(3):18-25.
21. Maya MVP. O conhecimento dos acadêmicos de enfermagem a respeito do uso de fitoterápicos [monografia]. Brasília, (DF): Centro de Ensino Unificado de Brasília; 2013.
22. Nascimento MC, Romano VF, Chazan ACS. Formação em práticas integrativas e complementares em saúde: desafios para as universidades públicas. *Trabalho, Educação e Saúde*. 2018 maio-ago;16(2):751-72. doi: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00130>
23. Teixeira MZ, Lin CA. Educação médica em terapêuticas não convencionais. *Revista Médica*. 2013 out-dez; 92(4):224-35. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v92i4p224-235>
24. Barreto AC, Oliveira VJS. Conhecimento de profissionais de saúde sobre as plantas medicinais e os fitoterápicos na Atenção Básica no município do Recôncavo da Bahia. *Rev Fitos*. 2022; 6(3):291-304. doi: <https://doi.org/10.32712/2446-4775.2022.1316>
25. Alves DP, Silva EJ de J, Antunes MQ, Damasceno EA, Lima P de O, Rocha RLM et al. A utilização da fitoterapia e plantas medicinais como prática terapêutica pela visão de estudantes de enfermagem. *Revista Conexão Ciência I*. 2019;14(3):19-28. doi: <https://doi.org/10.24862/ccov14i3.952>
26. Ávila SHO, Alves CA, Marques TO, Machado MPR, Carnicel C, Santos ALV dos. Avaliação do conhecimento dos acadêmicos sobre plantas medicinais e fitoterápicos em município da Amazônia legal. *Revista eletrônica interdisciplinar*. 2020; 12(2):45-58.
27. Araújo CRF, Mariz SR, Coutinho M de S, Costa EP da, Oliveira JOD de, BÚ EAD. Tradição popular do uso de plantas medicinais: ação extensionista sobre crenças, uso, manejo e formas de preparo. *Revista Saúde e Ciência*. 2015; 3(4):55-69. doi: <https://doi.org/10.35572/rsc.v4i3.269>

28. Feitosa MHA, Soares LL, Borges GA, Andrade MM, Costa S de M. Inserção do Conteúdo Fitoterapia em Cursos da Área de Saúde. *Rev Bras Educ Méd.* 2016 jun; 40(2):197-203. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v40n2e03092014>
29. Badke MR, Heisler EV, Ceolin S, Andrade A de; Budó M de LD, Heck RM. O conhecimento de discentes de enfermagem sobre uso de plantas medicinais como terapia complementar. *J Res Fundam Care.* 2017 abr-jun; 9(2):459-65. doi: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2017.v9i2.459-465>
30. Nascimento MVN, Oliveira IF. As práticas integrativas e complementares grupais e sua inserção nos serviços de saúde da atenção básica. *Est Psicol.* 2016 jul-set; 21(3):1-10. doi: <http://dx.doi.org/10.5935/1678-4669.20160026>
31. Santos GM dos, Oliveira JM de S, Brito MM de, Sousa PV de L, Barros NV dos A. O ensino da fitoterapia nos cursos de nutrição em um estado do nordeste brasileiro. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento.* 2019 jan-fev; 13(77):68-72.
32. Ministério da Saúde (BR). Portaria nº 971, de 03 de maio de 2006. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS) [Internet]. Brasília; 2006. [citado 2022 nov 07]. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf>
33. Rodrigues TA, Leandro Neto J, Carvalho TAR, Barbosa ME, Guedes JC, Carvalho AV. A valorização das plantas medicinais como alternativa à saúde: um estudo etnobotânico. *Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais.* 2020;11(1)411-28. doi: <http://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2020.001.0037>

Submetido em: 14/12/2022

Aceito em: 16/08/2023